

SILVA, J. S. da. O uso da expressão *sinhá* no discurso das mulheres da cidade de Novo Santo Antônio.  
Revista Falange Miúda (ReFaMi), ano 3, n. X, jan.-jun., 2018.

## O USO DA EXPRESSÃO SINHÁ NO DISCURSO DAS MULHERES DA CIDADE DE NOVO SANTO ANTÔNIO

Juraci Soares da SILVA (Secretaria de Educação de Novo Mato Grosso)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo de fazer uma reflexão sobre a expressão *Sinhá*, na linguagem das mulheres da cidade de Novo Santo Antônio – MT, na faixa etária acima dos 35 anos, relacionado com o contexto histórico do período da escravidão no Brasil, na perspectiva de desvendar o processo social e ideológico. A pesquisa ocorreu por meio de observação e gravação de conversas do cotidiano entre as moradoras da cidade, na qual o termo *Sinhá* é mencionado diversas vezes, como parte integrante da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Discurso. Sentido. Ideologia. História.

### 1. INTRODUÇÃO

Conhecer os acontecimentos históricos do país é trilhar caminhos seguros para refletir e compreender como foi o processo de escravidão, que tem vestígios marcantes na construção da história do município de Novo Santo Antônio - MT, além disso, possibilita refletir sobre os aspectos linguísticos. Conforme a Análise do Discurso

A história não é mera exterioridade, mas envolve o discurso e se manifesta no texto, impondo-se, desse modo, a compreensão das condições de produção do discurso – quem e como o produziu, de que lugar e para quem o produziu (CESÁRIO; ALMEIDA, 2010, p. 04).

Isso são condições essenciais para desvendar as formações discursivas e ideológicas presentes no texto, relacionado com a história, como parte integrante das formações discursivas do sujeito.



## 2. CONTEXTUALIZANDO DISCURSO E IDEOLOGIA

ReFaMi



Na década de 60 na França, surgiu a Análise do Discurso, que segundo Orlandi

Tem como proposta básica considerar primordialmente relação da linguagem com a exterioridade. Entenda-se como exterioridade as chamadas condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e contexto histórico - social (ideológico). Essas condições são representadas por formações imaginárias: a imagem que o falante tem de si, a que tem do seu ouvinte etc. (2013, p.58).

Os sentidos não estão presos ali nas palavras, eles são construídos a partir do exterior, levando em consideração o conhecimento de mundo, as experiências vividas pelo sujeito, o que está em sua memória, o discurso entre locutor e interlocutor, a posição social que ele ocupa e as condições de produção do discurso, relacionado com o contexto, social, histórico e ideológico.

Neste sentido, vale enfatizar que discurso e ideologia estão entrelaçados numa relação de formação discursiva diante dos fatos sociais em que o homem se encontra, nas lutas de classes, nos aspectos religiosos, na política, na imprensa, enfim o discurso faz parte da vida do homem e não há discurso neutro, todo discurso tem uma formação ideológica que busca ou defende uma posição de ideias. Isso faz com que o homem se constitui historicamente na/ pela linguagem.

Na teoria da ideologia alemã, Engels e Marx enfatizam três aspectos que são considerados como condições “para que haja história - força de produção, relações sociais e consciência – podem entrar e efetivamente entram em contradição como resultado da divisão social do trabalho material e intelectual” (CHAUÍ,2008, p.64). Diante destes aspectos é que geram os conflitos, as lutas de classe social e a dominação que controla os meios de produção e alienação do indivíduo, através de um processo desigual e opressivo.

A imposição ideológica da classe dominante prevalece à classe dominada em razão as condições de vida preestabelecidas que foi colocado ao indivíduo, perante a situação social que se encontra; a partir disso, faz com que ela seja alienada e induzida a pensar de forma determinada.

A classe dominante faz com que a classe dominada acredita que ela é capaz de vencer, obtendo uma condição de vida melhor através do trabalho, mas que não é a força do trabalho do homem em si que irá proporcionar essa ascensão, pois é imposta uma ideologia aos proletários que, quem oferece essas melhores condições às classes operárias são os donos do trabalho, ou seja, os patrões.

Página 97





A materialidade ideológica se concentra no discurso, propondo possibilidade de defesa ou luta entre as classes sociais, que pode ser representada pelos aparelhos ideológicos do estado ou por um grupo de dominantes.

O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da existência material das ideologias. Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em AD devem ser colocados: o de formação ideológica e o de formação discursiva (BRANDÃO, 2004, p.46)

O discurso ideológico permeia através da história, desde a Idade Média, entre as classes dos proletários e burguesia que gera os conflitos e oposições, ou seja, defesas de ideias para se concretizar no que há de mais viável aos benefícios da dominação de poder. As formações ideológicas surgem nas necessidades de defesas das classes, que tem uma articulação entre língua e discurso, dentro de um espaço social e histórico.

As ideologias são significações/ construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/ sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações da dominação. (FAIRCLOUGH apud RESENDE; RAMALHO, 2006, p.47)

A partir de diversas situações as ideologias são materializadas, tanto no aspecto particular ou coletivo, sempre objetivando o que deseja através do discurso, relacionado à posição de dominação, dentro de um contexto significativo de defesa e poder, através de um significado ideológico.

### 3. EXPRESSÃO SINHÁ: UMA QUESTÃO HISTÓRICA

O Brasil teve um momento em sua história marcada por tristeza e desumanidade, pois foi o período da escravidão que iniciou com o cultivo da cana-de-açúcar na primeira metade do século XVI, o açúcar era muito procurado pela população europeia, por isso a cana era cultivada em propriedades que possuíam grandes engenhos. Os negros africanos eram trazidos da África.

Nos porões dos navios negreiros (os chamados tumbeiros) a viagem era difícil, havia pouca comida (em geral, banana e água). Eram comuns as epidemias que



chegavam a matar metades dos prisioneiros. A vida dos negros nas colônias era ainda mais cruel que as viagens. Submetidos em média, a catorze horas de trabalho diário, pouco sobreviviam mais que cinco a doze anos. “Plantio de cana, colheita, moagem eram as atividades cotidianas.” (MATOS; NUNES, 2002, p.14)

O sofrimento iniciava mesmo antes de chegar às atividades canavieiras, pois a viagem era longa sem nenhum conforto, os negros eram trazidos amontoados na terceira classe dos navios, ali passavam fome, sede e adoecia, a luta dentro desses navios era pela o espaço e pela fome, muitos não chegavam ao destino da viagem, morriam e eram lançados ao mar.

Quando chegava às grandes fazendas eram submetidos a trabalhos excessivos com longas jornadas, e as senzalas eram de péssimas condições para as acomodações dos negros. Eram muito abafadas, com pequenas janelas na parte mais alta da parede com proteção de ferro e sem condições sanitárias suficientes. Viviam em condições desumanas, pois era como objetos que produziam riquezas para os senhores dos engenhos.

As negras também eram escravizadas “na casa grande, havia as mucamas (escravas domésticas) que ajudavam a sinhá - dona (mulher do patriarca) nas tarefas caseiras”. (MATOS; NUNES, 2002, p.38). As escravas foram também figuras que marcaram esse período da história, pois eram exploradas ao máximo e viviam sob o autoritarismo das Sinhás.

Os escravos e escravas realizavam diversas atividades relacionadas à casa – grande, como “cozinheiras, lavadeiras, amas de quarto, cavaleiros, jardineiros, todos mais próximos dos sinhôs e sinhás, [...] maneira essa que referia aos senhores com quem conviviam no dia a dia” (SOUZA, 2014, p.93) servindo-lhes de forma obediente e competente, qualquer desagrado aos patrões sofriam torturas e castigos físicos.

Como forma de conseguir a liberdade, alguns negros fugiam, e isso resultava nas formações dos Quilombos, outros não tinham a mesma sorte, eram capturados e levados de volta aos seus donos, muitos inconformados pelas situações de vida que lhe eram propostas, entravam em profunda tristeza, recusava-se a alimentar e chegavam até a morte.

Vale lembrar que, a escravidão ocorreu também do final do século XVII e início do século XVIII, com as descobertas de minas de ouro no Brasil, na qual os escravos trabalhavam pesados, e ali encontrava uma forma de lutar por sua liberdade, conseguiam pequenas porções de ouro e ao juntar o suficiente comprava a sua liberdade, através da Carta de Alforria, com isso tornavam se homens livres.

Apesar dessa liberdade, a escravidão continuava para muitos, somente no final do século XIX é que ela foi mundialmente proibida, sendo que, no Brasil abolição ocorreu em 13 de maio de



1888, com a Lei Áurea. Diante de tudo isso, o negro continuou marginalizado sem moradia, emprego, sofria com o preconceito e discriminação, que reflete até os dias atuais, principalmente na linguagem das mulheres santoniense.

#### 4. ABORDAGEM HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE NOVO SANTO ANTÔNIO

A cidade de Novo Santo Antônio, está localizada na região nordeste do estado de Mato Grosso, aproximadamente 1200 km de Cuiabá. A ocupação do atual município iniciou-se “em 24 de março de 1958, as margens do Rio das Mortes, com a chegada de Zeca Pereira, que morava na cidade de São Félix do Araguaia, veio com a intenção de desenvolver lavoura de subsistência” (FERREIRA, 2008, p.150), logo após, chegou José de Brito, outro colonizador. Quatro anos depois, chegou Zeca Pereira e outros imigrantes no que resultou no surgimento de um pequeno vilarejo.

Conforme a entrevista feita com Senhor Eduardo José Santana, de 87 anos, que mora aqui desde 1960, especificamente há 57 anos, ele relata que:

Paralelamente ao surgimento do atual município, iniciava-se outro povoado do lado de lá do rio, as margens de um lago, chamado lago Bonito, que era também conhecido como Lago dos Pretos, devido à origem dos povos que lá habitavam. Esses povos juntaram-se com os imigrantes da margem do Rio das Mortes e demais imigrantes que foram chegando da região nordeste do país e da Ilha do Bananal, e objetivaram conquistar as terras, até então sem donos, demarcaram uma área de aproximadamente de 996 mil hectares. Para a surpresa dos posseiros, anos depois, apareceram os irmãos Abidalas, alegando serem proprietários das terras, a partir disso, iniciaram os conflitos e foram 06 anos de batalha na justiça, até os posseiros conseguirem pela justiça de Brasília a posse definitiva. (SANTANA, 2017).

Em 1999 foi criada a Lei Estadual nº 7.173, de 29 de setembro de 1999, de autoria do deputado Humberto Bosaipo, que resultou na emancipação do atual município, que foi denominado de Novo Santo Antônio.

A origem dos imigrantes da época do descobrimento do município era de indígenas e negros, que predomina até os dias atuais na população santoniense. Porém os vestígios linguísticos usados pelas escravas, em relação à forma de tratamento as Sinhás, permanece até hoje na

linguagem das mulheres com mais idade, com isso, há uma evidência através do contexto histórico, que há a conservação de um pensamento ideológico que os brancos impuseram as negras daquela época.

## 5. ANÁLISE DA EXPRESSÃO SINHÁ

Durante várias conversas do cotidiano entre mulheres, foi observado o uso constante da expressão Sinhá, no lugar do nome das delas. Para melhor organização didática deste trabalho irei mencionar apenas um diálogo, como por exemplo, no trecho a seguir:

\_\_\_ *Tu viu o menino que estava aqui?*

\_\_\_ *Não Sinhá, parece que ele foi nu mercado.*

Apesar do diálogo entre as duas mulheres apresentar marcas da oralidade, não irei analisar a questão fonética, morfológica e sintaxe, mas sim a exterioridade da frase, levando em consideração o sujeito, a ideologia, o social e o processo histórico, todos esses aspectos produzem efeitos de sentidos entre interlocutores, enquanto sujeitos usuários da língua que se constituem na/pela linguagem.

As formações discursivas se relacionam com formações ideológicas, que permeiam nas diferentes classes sociais, resultando em processos de conflitos, pois “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório – desigual - sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza as instâncias ideológicas em condições históricas dadas” (PECHEUX, 2014, p.197), porém essas formações são práticas que estão relacionadas diretamente ao sujeito, sendo que, não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem discurso. Ambos estão engajados neste processo que configuram a linguagem.

Para Bakhtin (2014, p.123) “a ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um de nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” O falante não está preso a observar os aspectos que configuram a sua expressão, ele considera o que está em sua consciência, que foi enraizado por uma ideologia imposta e, é refletida na linguagem.

A ideologia dominante cristalizou na mente dessas mulheres escravas um conceito ideal de tratamento, que representava respeito, dominação, obediência e servidão, isso foi passando de geração a geração, que ainda é percebido nas expressões das mulheres da cidade de Novo Santo Antônio.





O poder é outro fator predominante na exclusão, ideologicamente tenta apagar o sujeito através das diferenças de classes sociais, na qual quem tem mais valor econômico prevalece ao menos favorecido, isso é revelado no discurso durante os enunciados, em um mecanismo de diferença de tratamento, como por exemplo, as escravas não usavam um enunciado que representassem igualdade entre empregada e patroa, “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe [...] todos os outros, mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los” (FOUCAULT, 2014, p.41). Porém, a doutrina do poder é muito exclusiva, ela proíbe o uso de certa enunciação para diferenciar os sujeitos das classes sociais. Isso faz com que o sujeito apodera de um discurso que não é seu, mas sim, de um discurso que lhe foi imposto, como expressões e enunciados dogmáticos.

A linguagem e a história se constituem mutuamente, por isso “precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a história” (FERNANDES, 2008, p.13) diante disso, podemos mencionar que o discurso está relacionado também com a memória, que cada sujeito traz consigo do seu passado, que é refletido no presente, através da exterioridade da palavra.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi fazer uma reflexão da linguagem no uso real, para desvendar o mundo fascinante que a língua possui, através da história e da ideologia, que permeiam na sociedade até os dias de hoje, e muitas vezes passam despercebidas aos ouvidos do interlocutor, por não conhecer a origem da formação discursiva. Assim, refletir sobre as sentidos da linguagem é fundamental para o homem conhecer o outro e a si mesmo, percebendo que o termo Sinhá está relacionado às pessoas de origem africanas, que foi produzido dentro de um contexto sócio - histórico e ideológico, tendo a mulher como figura submissa as ordens de uma classe dominante que está registrada em sua memória, seja de forma consciente ou inconsciente, a partir de uma ideologia que se materializa visivelmente na linguagem.

## REFERÊNCIAS





- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CESÁRIO, A. C. C. ALMEIDA, A. M. C. **Discurso e Ideologia: reflexões no campo do Marxismo estrutural**. Revista Universidade Estadual Maringá, n.1, v.32, Maringá: PR, 2010. p. 1-8.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. 2ª ed. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2008.
- FERREIRA, J. C. V. **Cidades de Mato Grosso: Origem e Significado de seus nomes**. 20ª ed. Cuiabá: Memória Brasileira, 2008.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no college de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MATOS, J. C. de. NUNES, C. A. **História do Brasil**. São Paulo: Nova Cultura, 2002.
- ORLANDI, E. P. **O que é Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- RESENDE, V. de M. RAMALHO, V. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTANA, E. J. **Entrevista**. Concedida em 24 out.2017. Entrevistador Juraci Soares da Silva. Novo Santo Antônio – MT, 2017.
- SOUZA, M. de M. e. **África e Brasil Africano**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

Sobre a autor

#### Juraci Soares da Silva



Juraci Soares da Silva é professor titular de Língua Portuguesa na Escola de Educação Básica Professora Nair Barbosa de Souza, no município de Novo Santo Antônio MT, Graduado em Letras e Literatura pela Faculdade Católica Rainha da Paz (2005), Graduado em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012), especialista em Linguística Aplicada na Educação pela Universidade Cândido Mendes (2015). Autor do artigo: *Uma reflexão sobre o gênero textual rótulo: numa perspectiva de vida saudável*, publicado pela Revista Internacional em Língua Portuguesa (RILP). ([juracir\\_soares@hotmail.com](mailto:juracir_soares@hotmail.com))

